



RELICI

BUDDIES: ARTHUR BRESSAN E O CINEMA DE URGÊNCIA¹

BUDDIES: ARTHUR BRESSAN AND URGENCY CINEMA

José Rodrigo de Araújo Silva²

Restaurado em 2018, Buddies foi o primeiro filme a abordar o tema da AIDS no cinema em 1985.

Nomes e datas sobressaltam na tela. Eles aparecem ao ritmo do som de uma velha impressora matricial, formando uma lista que parece interminável. O que todos esses nomes teriam em comum? Seriam de mortos vítimas da AIDS nos Estados Unidos, nos primeiros anos da década de 1980. Os dados são aparentemente ficcionais e surgem na primeira cena do filme *Buddies* (1985), primeira obra cinematográfica a respeito do tema. O roteiro foi escrito em cinco dias e filmado em nove, uma rapidez que se assemelha à urgência das questões tratadas no filme.

O cineasta Arthur J. Bressan Jr. assina o roteiro, a direção e a produção deste que seria o último filme de sua carreira, já que veio a falecer dois anos após o lançamento da obra, vítima de complicações em decorrência do HIV. A trajetória de Arthur Bressan no cinema é permeada de referências ao universo homossexual, sendo considerado um dos pioneiros do cinema gay na década de 1970. Com produções que passeiam por curtas, documentários, longas ficcionais e filmes de conteúdo erótico, o cineasta recebeu maior atenção dos críticos a partir de obras como “Passing Strangers” (1974) e “Abuse” (1983), além do documentário *Gay USA* (1977), registro histórico das passeatas pelos direitos da comunidade LGBTQIAPN+.

Em *Buddies*, acompanhamos a história de Robert Willow (Geoff Edholm), paciente de um hospital de Nova York que passa a ser visitado regularmente por David Bennett (David Schachter), um voluntário – “buddy” – que integra um programa de

¹ Recebido em 27/04/2025. Aprovado em 05/06/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.17052863

² Universidade Federal de Pernambuco. rodrigope81@hotmail.com



RELICI

17

assistência a portadores de HIV/AIDS. A narrativa é construída a partir desse encontro entre os dois personagens, que são praticamente os únicos a aparecerem em cena. Pontualmente, conhecemos outros personagens apenas como vozes ao telefone, ou os vemos como vultos em segundo plano.



Figura 1: Arthur J. Bressan Jr (1943-1987). Disponível em: www.imdb.com. Acesso em: 25 de abril de 2025.

David é um diagramador *freelancer* de livros e impressos. Seu interesse em se tornar voluntário do programa surgiu enquanto estava trabalhando em uma publicação de textos a respeito da síndrome. Os detalhes sobre a sua vida, como o relacionamento estável que mantém com seu namorado Steve, ou o convívio afetuoso com seus pais, estão presentes nas conversas com Robert no quarto do hospital. Inicialmente, os encontros são marcados por diálogos tímidos, sobretudo por Robert, reticente com a bondade do estranho.

Na medida em que os encontros ocorrem, a relação entre eles se torna mais intensa. Temas como sexo, política e a questão dos direitos para a comunidade gay são abordados de maneira quase didática. Vale ressaltar que a obra é produzida durante o governo do presidente Ronald Reagan, que além de ignorar o crescente número de casos, dificultava a concessão de verbas para os estudos sobre o vírus. A



RELICI

luta pelo acesso aos medicamentos e os debates em torno do tema podem ser vistos também no filme “Clube de Compras Dallas” (2013) de Jean-Marc Vallée.

Robert trabalhava como jardineiro quando foi acometido pelo vírus. Sua fragilidade ante a iminência da morte aparece na narrativa como um jogo dual: a revolta e o medo são contrabalanceados pela consciência e elaboração racionais sobre a doença. Em uma das cenas mais fortes do filme, David apresenta para Robert alguns textos que compõem o livro no qual está trabalhando, uma coletânea de artigos com “diferentes pontos de vista” sobre a AIDS. Em um deles, a síndrome é descrita como um castigo de Deus, uma espécie de “vingança da natureza sobre uma minoria antinatural arrogante e desrespeitosa pela lei elementar”. As indagações sobre o discurso fundamentalista são enfatizadas por Robert e retomadas por David em uma outra passagem, quando este afirma que “muitas pessoas imaginam que Deus é exatamente como elas são. Uma grande cópia de si mesmas”.



Figura 2: Fotograma extraído do filme *Buddies* (1985). David Schachter (à esquerda) e Geoff Edholm (à direita).

A escritora e ativista Susan Sontag no livro *AIDS e suas metáforas* problematiza os discursos que reforçavam estigmas sobre os portadores do vírus nos primeiros anos da síndrome. Segundo a autora, a AIDS seria uma doença “que leva



RELICI

muitos a uma espécie de morte social que precede a morte física” (SONTAG, 1989, p. 41). Isso aparece de forma clara no filme, como na cena em que Robert ironiza os protocolos impostos pelo hospital aos visitantes, ou quando relata sobre o medo dos amigos mais próximos. O programa de voluntariado, que proporcionou o encontro dos protagonistas, ilustra a importância daqueles que se faziam presentes no momento mais crítico da epidemia.

Os primeiros casos foram noticiados em meados de 1981. O boletim emitido pelo Centro para Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos, descrevia o caso de cinco jovens homossexuais da Califórnia internados com pneumonia. Todos apresentavam um quadro semelhante, o que fez despertar um alerta na comunidade científica. Após a emissão do primeiro boletim, os meios de comunicação passaram a relatar o aparecimento de novos casos. Neste período, muitos profissionais de saúde adotavam um discurso moralista que, muitas vezes, aproximava-se do conservadorismo religioso ao condenar a conduta sexual dos indivíduos. Rapidamente, a doença até então pouco conhecida, passou a ser chamada de “peste gay”.

A sensibilidade na forma como o tema é retratado em “Buddies”, humanizando o portador do vírus no período em que Hollywood evitava o assunto, é algo que merece destaque. Ao longo da história do cinema, a homossexualidade foi constantemente representada de maneira pejorativa. Através de personagens caricatos, com enredos que aproximavam os homossexuais a um comportamento criminoso e doentio, os filmes atuavam no imaginário popular como uma espécie de dispositivo cultural, alimentando os discursos conservadores a respeito da comunidade LGBTQIAPN+. Para um melhor entendimento a respeito das representações da homossexualidade no cinema, vale a pena conferir o documentário “The Celluloid Closet” (1995), escrito e dirigido por Rob Epstein e Jeffrey Friedman, e baseado no livro homônimo de Vito Russo, publicado originalmente em 1981.

Arthur Bressan faz da sua obra um grito político em que a palavra de ordem é urgência. Era preciso questionar a ausência de uma representação humanizada sobre



RELICI

os portadores da síndrome (na imprensa, no cinema e nos debates públicos); era preciso indagar as autoridades sobre o descaso nos investimentos na área da saúde, com pesquisas que visassem oferecer uma sobrevida melhor aos pacientes; era imprescindível problematizar os discursos fundamentalistas que culpabilizavam as vítimas; era preciso ressaltar a importância política dos grupos que lutavam pelos direitos em jogo; era urgente falar sobre afeto, empatia e esperança.

Por uma trágica ironia do destino, além do diretor Arthur Bressan, o ator Geoff Edholm faleceu anos mais tarde devido a complicações em decorrência do HIV. Em 2018, após uma intensa mobilização de Roe Bressan, irmã de Arthur, o filme foi restaurado e passou a circular em festivais e serviços de streaming, a exemplo da plataforma Mubi. Ao abordar a relação entre política, ciência e religião, em temas como o fundamentalismo e a criminalização das minorias, a obra permanece atual, viva e pulsante. Um convite a todas as pessoas que acreditam no poder mobilizador da arte. Como diria Caio Fernando Abreu em sua “Última carta para além dos muros”: a vida grita. E a luta, continua.

FONTE

BUDDIES. Dir.: Arthur Bressan. Produção: Film and Video Workshop. Estados Unidos. 1985.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Última carta para além dos muros. In: **Pequenas epifanias**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

RUSO, Vito. **The celluloid closet: homosexuality in the movies** [1981]. Rev. ed. Quality Paperback Book Club, 1995.

SONTAG. Susan. **AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.